

Profissionais de LIBRAS: conhecendo as diferenças II

Assistente Educacional

Funções Comunicativas e Funções Pedagógicas

Fabiano Guimarães da Rocha^{1*}

A inclusão vem tomando força cada vez mais, a realidade é inegável e deve acontecer. Nessa perspectiva, a Educação encontra-se num “duelo” muito particular entre dois profissionais que atuam diretamente com os surdos.

Nesse contexto inclusivo, existem três personagens: os alunos surdos, o intérprete de LIBRAS e o professor. É importante que sejam definidas com clareza as funções que cada um deles exerce nesse processo.

O primeiro personagem é o aluno surdo. Este possui língua e cultura diferentes daquelas com as quais o professor está acostumado a lidar. Também, por lei, tem o direito de ser incluído em sala e escola de ensino comum. Todavia, a discussão não se atará a esse personagem, embora seja o principal.

O segundo personagem é o intérprete de LIBRAS. Esse servirá de canal comunicativo entre os surdos e as pessoas que os cercam. Mas que papel ele exerce em sala de aula? Como deverá ser sua postura em sala de aula? Há éticas que o limitem ou lhe deem direitos? Quem é ele, enfim, na sala de aula? Na escola? Uma pergunta de cada vez será respondida.

Seu papel em sala de aula é servir como tradutor entre pessoas que compartilham línguas e culturas diferentes como em qualquer contexto tradutório que vivenciou ou vivenciará. Ele realiza uma atividade humana que exige dele estratégias mentais na arte de transferir o contexto, a mensagem de um código linguístico para outro.

Um fazer cognitivo muito complexo. Essa atividade tradutória é a produção do seu ofício, requer uma série de procedimentos técnicos, e isso não é fácil (há muitos “sinalizadores” nomeando a si mesmos como intérpretes e não o são, o que incorre na desvalorização da LIBRAS, pois em nenhuma língua oral as pessoas terminam um curso e começam a interpretar, porque sabem que existem procedimentos técnicos que exigirão anos de estudo e contacto com a língua e seus usuários; porém, em L, inconscientemente, desconsideram-na quando agem precipitadamente na área de interpretação, ainda não formados).

Tanto no contexto de uma sala de aula ou numa palestra sobre química, o papel do Assistente será o mesmo: interpretar. Sobre sua postura, o intérprete deve

^{1*} Graduado em Letras pela UVA, com Especialização em Linguística e Produção de Texto pela UNESA. Intérprete de LIBRAS. Professor da UNESA em Educação a Distância e professor-tutor do Letras/ LIBRAS da UFSC. E-mail: fabianoils@hotmail.com Cel.: 9144-6031

se conscientizar de que ele não é o professor e, portanto, em situações pedagógicas não poderá decidir, limitando-se às funções comunicativas de sua área.

Manterá a mesma imparcialidade de sua profissão e desenvolverá uma relação sadia com os surdos e o corpo docente. Não permitirá que seu contacto pessoal com os surdos, que é maior do que o do professor, interfira em sua atuação.

O Código de Ética que norteia a carreira pode ser usado também para essa atuação, considerando o supracitado a despeito de seu papel, que é traduzir. Entretanto, esse Código deixará a desejar em muitos fatos e necessidades importantes que acontecem nesse novo palco de sua atuação. Acreditando nisso, se faz necessária a criação de um Código Específico (paralelo) para a área de Educação e acoplá-lo ao já existente.

Na falta desse “novo” Código, recorramos ao Código de Ética vigente para a última pergunta: “O intérprete é um estranho na sala de aula, um objeto diferente? É visto dessa forma e pode ter certeza de que assim se sente?”. Tanto para os alunos (em geral), para os professores e para os intérpretes, é tudo muito recente: quando se viu estavam todos no mesmo lugar.

Por fim, o intérprete de LIBRAS exercerá em sala de aula e em todas as atividades educacionais somente as funções comunicativas tradutórias que, por si sós, são exacerbadas.

O terceiro personagem é o professor. Esse será o modelo pedagógico para os alunos, e sua preocupação é voltada para o conteúdo, a disciplina, o saber, o conhecimento. Como deverá ser seu relacionamento com o aluno surdo? Além de ser o modelo pedagógico em sala de aula, que mais pode fazer pelo primeiro personagem no teatro escolar?

À primeira pergunta, sugere-se que seu relacionamento com o aluno surdo seja o mesmo que tem com os ouvintes. Nessa esteira, ele utilizará o profissional intérprete em momentos em que sua projeção seja para a turma inteira. É importante que o atendimento dispensado pelo professor ao educando surdo seja o mesmo oferecido individualmente ao aluno ouvinte. Para isso o educador precisa aprender e conhecer a língua desse discente, que, tratando-se de surdo, é a LIBRAS. Esse contato direto, esse atendimento pessoal entre professor e aluno é que irá gerar melhor relacionamento, amizade e comprometimento entre os dois. Isso é imprescindível! Ninguém pode fazer isso por você, professor! No cenário da inclusão, tudo para todos é “muito novo”, e não é incomum equívocos acontecerem. Mister é desenvolver práticas inclusivas.

É impossível usar o intérprete para interpretar textos. Será melhor que, para alcançar todos, escreva no quadro, por exemplo. Jamais fazer uso do intérprete para funções pertinentes tão somente ao ofício de professor; nesse caso o intérprete poderá contestar sua solicitação.

Um outro exemplo é pedir ao intérprete que escreva no quadro aquilo que está oralmente ditando para os alunos ouvintes. Outrossim, será fundamental o professor, após entender e conhecer a língua e cultura da comunidade surda, disseminar o motivo de sua presença em sala de aula e sua participação na escola de ensino comum,

objetivando conscientizar os alunos e outras pessoas, pois, se assim não agir, será apenas integração e, não, inclusão, processo este que provoca uma mudança tanto na estrutura da escola, nos sistemas, quanto na consciência de todos.

Por fim, o professor, nesse espetáculo inclusivo, exercerá nas atividades educacionais as mesmas funções que exerce comumente, as funções pedagógicas, sem qualquer temor.

Embora definidas as funções de cada profissional, observa-se certa situação aflitiva entre eles, e tais conflitos necessitam ser sanados.

O professor normalmente tem muitas dúvidas ou mesmo desconfiança na tradução que o intérprete realiza, acreditando ser improvável a concretização da interpretação pelo simples fato de o intérprete não haver feito pedagogia, magistério ou não ter intimidade com os conteúdos escolares.

O intérprete muitas vezes vai além de sua interpretação, interferindo naquilo para o qual não lhe foi dada autoridade. Muitos intérpretes são selecionados para trabalhar nas escolas de todo o país, todavia, nem todos estão em condições profissionais para atuar.

Outro problema é o professor desconfiar se o intérprete na hora da prova está ajudando (dando “cola”) ao aluno surdo.

Por sua vez, o intérprete pode manter uma postura inadequada, a ponto de gerar certo desconforto não só ao professor como à turma inteira. Muitos acreditam que, contratando professores que conhecem LIBRAS, estes poderão ser utilizados para substituir os verdadeiros profissionais intérpretes. Não façam isso! Os procedimentos técnicos são completamente dessemelhantes. Por isso foram definidas as funções comunicativas e as funções pedagógicas. Mesmo que o professor conheça muito bem a LIBRAS, ele é professor, a não ser que tenha experiências profissionais dentro da área de interpretação. Mesmo assim é melhor exercê-las em momentos distintos.

O relacionamento do intérprete não se limita a um professor, contudo, a vários. Todas essas situações têm gerado um conflito demasiadamente desagradável e prejudicial ao desenvolvimento de ambos os profissionais e do aluno. Esses são alguns fatos que ocorrem nesse espetáculo inclusivo, passíveis de serem facilmente resolvidos. A solução depende sobretudo da boa vontade de querer conviver na diversidade.

Propõe-se que convidados especiais participem da peça inclusiva. O primeiro deles é a confiabilidade. Esta precisa ser fomentada entre ambos, professor e intérprete.

Quando se trabalha com insegurança, desconfiança, é extremamente incômodo; entretanto, havendo uma mútua confiança, não só o trabalho é mais bem realizado como o ambiente fica mais agradável.

O segundo, o respeito, será o limitador entre os dois. Sabe-se que o direito de um termina quando se inicia o do outro, e se isso houver, ambos saberão os limites de suas funções. Se comunicativas, comunicativas; se pedagógicas, pedagógicas.

O terceiro, a parceria, profundamente importante para o desenvolvimento escolar do aluno, implica a divisão de conteúdos ministrados em sala de aula. A interpretação de um modo geral rende mais quando o intérprete tem em suas mãos

o texto (refere-se a qualquer mensagem, seja falada ou escrita), que interpretará; caso contrário, a interpretação será prejudicada. Contudo, se previamente ler o texto, na hora da tradução mobilizará esses conhecimentos armazenados em sua mente e, portanto, interpretará melhor o conteúdo.

Solicita-se ao professor debater com o intérprete o plano de aula e esclarecer dúvidas caso o tradutor as tenha; de igual modo, o intérprete se preocupará em tomar conhecimento do texto a ser usado em sala de aula ou em qualquer outro evento.

Envolvimento educacional é o quarto convidado, e de grande importância. Ele permitirá ao professor e ao intérprete mostrar um ao outro “a deixa”, objetivando ampliar a formação dos surdos.

O intérprete sabe os pontos em que os surdos se sentem mais fragilizados e poderá compartilhar essas informações com o professor. O professor, por sua vez, sabe, pela correção de exercícios e provas, quando o aluno está respondendo bem ou não aos conteúdos e assim informará ao intérprete.

Essa troca entre os dois facilitará o envolvimento e desenvolvimento educacional dos alunos. Estes são alguns convidados que no teatro da inclusão não podem deixar de participar. É claro que, dependendo da realidade de cada escola, outros serão imprescindíveis.

Os três personagens e seus convidados especiais fazem juntos uma linda peça, que renderá uma Educação melhor para os surdos. Sabendo cada profissional as suas funções e delimitando-se a elas, compreendendo sua importância em cada cena e a excelência de suas atribuições, um trabalho mais bem sucedido será realizado.

O professor desempenha uma atividade para a qual deve cada ser humano “tirar o chapéu” e aplaudi-lo de pé, funções essas definidas nesse texto.

O intérprete é um profissional de grande valor; suas funções, aqui descritas, são teoricamente inexplicáveis, porém, com grande estilo as desempenha, a ponto de Mounin afirmar: tradutores existem, eles produzem, recorremos com proveito às suas produções.

Os conflitos são somenos se comparados com o que podem os três personagens produzir, e, aliando suas produções aos convidados especiais, um imenso espetáculo será apresentado ao público, que gosta de ver algo que marca. E na esperança de que a Educação de surdos despontará, o público se sentirá satisfeito.

Cada personagem envolvido nas cenas inclusivas precisará lembrar, sempre, suas “falas”, não cometendo o lapso de esquecê-las e, assim sendo, o teatro da inclusão fará o maior sucesso. Os convidados especiais são eficientes demais e com certeza farão a diferença em cada “apresentação”, em cada dia de aula.

Que cada “arena” escolar consiga desempenhar perfeitamente a peça Inclusão.

“... e concedeu dons aos homens;
com vista ao aperfeiçoamento...
para o desempenho do seu serviço...”.

(Efésios: 4: 8a, 12)